



História e totalitarismo: uma abordagem do livro didático após a Ditadura Militar no Brasil (1964-1984) ¹

RAÍNA DE CASTRO FERREIRA*

O ponto de partida da análise é considerar a finalidade do livro didático: ser um auxiliar eficaz ao professor e aos alunos. (Brasil. Guia de Livros Didáticos – PNLD 2002).

1. Análise dos livros didáticos e o mercado editorial

Com a fundação da Revista dos *Annales*, a partir de 1929, na França, novas concepções historiográficas foram se impondo pela própria natureza da dialética do pensar histórico. Um dos desdobramentos da História dos *Annales* foi a História Cultural, tendo como expoentes historiadores da Cultura como Roger Chartier, Lynn Hunt, Jacques Revel. A grande maioria dos estudos sobre o livro escolar, encontram-se inseridos na produção e pesquisa que buscam outras fontes de estudos, bem como outros eixos das pesquisas históricas em educação, permeados, por exemplo, pela História Cultural.

Diante deste novo processo que analisa o livro didático por meio de novas propostas historiográficas, produzindo novas discussões e abrindo um leque de possibilidades de pesquisa, conciliamos tais estudos com nossa proposta de análise dos regimes totalitários. Inicialmente atentamos para as três dificuldades de análise do livro didático, ressaltadas por Alain Choppin em sua obra *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*; a questão das diversas denominações que o livro recebe ao redor do mundo, não sendo possível, muitas das vezes, relacionar características específicas de cada um destes materiais; a segunda dificuldade encontra-se na ausência de pesquisas nesta área, ainda recente, que se apegam ou aos conteúdos ou

¹ Esta pesquisa iniciou-se a partir do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID) pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. O contato com a realidade e o cotidiano da sala de aula, juntamente com suas fontes materiais, dentre elas o livro didático despertou-me para realizar esta investigação. A partir de então comecei a desenvolver um trabalho de Iniciação Científica (PIIC), iniciado em 2012 pelo edital 002/2012/PROPE – PIBIC/CNPq/UFSJ e PIIC. Este trabalho é uma produção ainda não concluída, porém já com alguns resultados obtidos.

* Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Orientador: Orlando José de Almeida Filho - Doutor em Educação: história, política, sociedade pela PUC- SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) - 2008. Agência Financiadora: CAPES/UFSJ.

ao livro como documento histórico; e por fim a barreira da língua, que nem sempre faz da tradução uma expressão perfeita do texto original. (CHOPPIN, 2004: 549). Outra dificuldade que se faz presente são os trabalhos, ainda mais recentes, que consideram os livros mero produto das editoras e das demandas do mercado. Porém, mesmo com tantas barreiras há a possibilidade de uma análise complexa e concisa deste material impresso.

Baseado na obra de Laurence Hallewell que traça a trajetória do Livro no Brasil por meio das editoras e casas de comércio, é possível enfatizar a dificuldade de definição entre os escritos voltados para a didática do ensino e os que objetivam o lazer do leitor. Hallewell agrupa tal investigação em duas linhas de pesquisa: a primeira seguindo a História do livro e da leitura, e a segunda na linha das disciplinas escolares ligadas às pesquisas sobre livros didáticos. Ainda nesta perspectiva Choppin, (2004, 553) traça funções para o livro didático: *Função referencial; Função Instrumental; Função ideológica e cultural; Função documental*. A primeira diz respeito à influência das editoras na propagação deste material, sendo estas fiéis ao programa instituído e embasadas na concorrência mercadológica; a segunda caracteriza o livro por suas proposições didáticas, facilitadoras na aprendizagem e no ensino; a terceira coloca o livro como instrumento fundamental na formação da identidade, assumindo um papel político importante, através da propagação de ideologias; Em sua última função o livro é tratado como documento, que sugere uma ampla fonte material de pesquisas diversificadas. Para fins práticos deste trabalho, nossa linha mestra de pensamento seguiu de uma maneira particular, a segunda vertente de Hallewell, adentrando detalhadamente nas funções do livro, definidas por Choppin.

A partir dos desdobramentos da “Nova História” o livro didático foi renovado através da perspectiva sobre *novos problemas, novas abordagens e novos objetos*, motivados pelo crescimento da indústria cultural. Como mercadoria o livro precisa atender demandas, e por isso muitas das funções deste passaram por especializações.

Munakata também nos lembra do gênero literário de sucesso no Brasil nos anos 70 e 80: “As Belas Mentiras”, fruto de pesquisas que analisaram a presença de mentiras, ideologias e manipulações no livro didático. A partir de então uma série de trabalhos contra estas “Belas Mentiras” foram produzidos gerando outra contradição: a história

dos vencidos, que se tornou a história dos vencedores vista por outro ângulo. No período de denúncias a este tipo de falsas informações encontradas, iniciou-se a produção de livros com um caráter de luta social, fundamental para consolidação da cidadania no Brasil. O caráter didático foi esquecido e neste período o conteúdo e a ideologia propagada nos livros didáticos, foi o foco das análises nesse período. (MUNAKATA, 2001).

1.2 Regimes Totalitários

Localizamos nosso objeto de trabalho, o livro didático, em um período extenso, considerando obras depois do período da Ditadura Militar, no qual, como já foi citado, houve uma grande e expressiva mudança na forma de ler e escrever o livro, propagando claramente ideologias com um fundo de mobilização nacional, luta democrática e formação de uma identidade individual e coletiva que fosse contra as propostas do antigo governo repressor, dominador e violento marcado pela censura.

Situamo-nos no debate historiográfico através de duas vertentes: a obra clássica de Hanna Arendt “As origens do totalitarismo”, que destaca estruturas de poder voltadas para uma forma total de dominação, que passam por cima de qualquer obstáculo, para que a ideologia criada por seus líderes seja profundamente difundida. A experiência totalitária é fruto de uma expressão ideológica de um pequeno grupo, que utilizou do fracasso dos projetos nacionais, e das diferenças étnicas, regionais e religiosas, para envolver toda uma população em um grande sistema de dominação marcado pela violência, através do anti-semitismo como uma expressão política e o imperialismo exacerbado. Por outro, lado grande parte dos marxistas não considera o totalitarismo como fenômeno isolado, chegando até a negar tal conceito. Questionamos como um período, marcado ainda hoje por fortes debates historiográficos, está sendo apresentado para alunos do ensino médio. O uso das imagens, da ideologia proposta pelos textos, e pelo material complementar apresentado será o foco desta análise, utilizando os regimes totalitários como objeto para esmiuçar tais discussões.

2. Autores e Obras: os livros didáticos

Para esta pesquisa, foram utilizados três livros didáticos publicados no ano de 1996, 1997 e 1998, respectivamente. No ano em que o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), iniciou o processo de avaliação dos livros didáticos, criando posteriormente um catálogo dos melhores e mais indicados para o uso nas escolas de Ensino Médio, os livros analisados ainda não se encaixavam neste novo padrão seletivo e de caráter organizativo, visto que os impactos desta nova demanda de 1996 seriam vistos apenas posteriormente, momento no qual as editoras e escritores, alteraram o conteúdo e se adaptaram ao modelo proposto pelo governo, atendendo assim, não somente, mas também as exigências do PNLD - Programa Nacional do Livro Didático. A título de delimitação do objeto, utilizarei apenas os capítulos que tratam dos regimes totalitários, caso eles estejam relacionados com o *crack* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, e a Segunda Guerra Mundial, seu contexto e aspectos serão analisados conjuntamente.

Vale ressaltar que a cognição e a absorção do que é ensinado ao aluno, é captado de diferentes formas, o que seria considerado um livro *didático* nesta pesquisa, é aquele que abrange todas estas formas de registros, por meio da escrita, imagens, bibliografia complementar e sugestões de filmes. O último livro atendeu a primeira expectativa destes critérios, de forma que o texto escrito foi melhorado, imagens foram utilizadas como pontos de partida das análises formuladas coletivamente.

2.1. “Rumos da História: nossos tempos. O Brasil e o mundo contemporâneo”.

Publicado no ano de 1996, pela “Atual Editora” o terceiro livro da coleção “Rumos da História”, em sua apresentação traça um novo perfil, com ênfase na modernidade e nas perspectivas inovadoras.

Essa possibilidade de novas interpretações se reflete ao ensino da História. Os professores não aceitam mais as antigas concepções evolucionistas, que acreditam numa sequência linear da História, no progresso em etapas sucessivas e na previsibilidade da sociedade do futuro. (REZENDE, 1996: s.n.).

Tal trecho nos permite influir que diante do cenário, em que se encontravam as editoras e autores o mercado clamava por novos objetos e novos métodos. Ainda na apresentação a questão do desequilíbrio social eminente nos séculos XIX e XX, baseada

nas guerras e nos regimes totalitários, é utilizada como marco de um passado que a partir de agora não seria mais realidade, superado, pronto para as novas tecnologias. Seus autores são Antonio Paulo Rezende e Maria Thereza Didier.

Dedicando dezessete páginas para o tema, há um total de onze imagens, seis imagens com representações de massas – Manifestações, contra ou a favor do regime, condecorações públicas e expressões do exército; uma pintura: “Guernica” de Picasso - 1937; duas imagens dos líderes políticos – apresentação – Salazar e Kaiser Guilherme II; uma imagem de caráter radical, chocante e propagandista; um mapa das regiões separatistas da Espanha. Nele há também onze citações de cinco livros distintos.

O livro é dividido cronologicamente, evidenciado no próprio título da coleção: “Nossos tempos, o Brasil e o mundo contemporâneo”, que nos remete a um mundo novo, pronto para uma nova etapa, anunciando o “esquecimento” de séculos de guerra, tristeza e falências econômicas, deixando presente a ideia do progresso. Este livro não se enquadra na classificação proposta pelo PNL D em 1996, visto que os frutos desta ação só mostrarão seus resultados em 1997, ano da publicação do primeiro catálogo. Todo o livro prepara o leitor para estes acontecimentos que encerram séculos de crise e conflitos organizando o mundo para uma nova fase. A imagem da capa faz referência à pintura de Michelangelo localizada no teto da Capela Sistina, que liga Deus ao Homem, comparando com a pintura deste livro que liga as mãos do homem à máquina.

A construção do conteúdo

Analisando comparativamente os regimes explicitados ao longo do livro, Nazismo, Fascismo, Franquismo e Salazarismo, todos são classificados de totalitários, percebemos claramente que as imagens, são usadas como ilustração, que não instigam professores nem alunos, do mapa e pintura, digo o mesmo, ressaltando a utilidade do mapa para localizar os alunos no espaço/tempo. Os textos são muito rebuscados, o que dificulta a compreensão dos alunos, porém as citações de historiadores conhecidos reforçam a narrativa dos autores, conferindo mais credibilidade. Sobre o conteúdo, a ideia principal que une e caracteriza os regimes totalitários é a questão da organização do Estado, e a forma de implantação destes regimes, que toma como foco a crise econômica. A violência e a figura pessoal dos líderes não são abordadas. A decadência



dos governos é pouco explicativa, o foco fica no surgimento e nas características particulares de cada governo.

Atividades e Textos Complementares

Quanto às atividades, fica clara a ausência da orientação do professor, todas as atividades são desenvolvidas para que os alunos possam sozinhos – apenas com o auxílio do livro didático - resolver as questões. Novas fontes não são utilizadas embora o fio condutor do livro, seja a proposta do progresso e desenvolvimento. A utilização das imagens e citações é inovadora, porém apenas ilustrativa, sem dar ao aluno e professor a capacidade de explorá-las. As leituras e sugestões complementares também merecem destaque, embora pouco trabalhadas. Uma característica importante a ser ressaltada é a sessão de “Filmografia”, onde são apresentados doze filmes como sugestão, a serem trabalhados e assistidos por alunos e professores.

2.2. “História e Vida: Da idade moderna à atualidade”.

Atingindo o público em 1997, ano do primeiro catálogo do PNLD, a coleção História e Vida, em seu quarto volume voltado para o Ensino Médio “Da idade moderna à atualidade”, da Editora Ática, em apresentação ao aluno, inova ao falar da aproximação dos conteúdos obrigatórios, ao real vivido da criança, ao seu cotidiano, ao seu presente e passado, deixando bem claro que a história contada é de todos e não dos que ganham.

Esta não é uma história que conta apenas a vida e as ações de quem manda, dos governantes e dos poderosos grupos econômicos, mas uma história que conta a vida e as ações de todo o povo: índios, negros, brancos, mulheres, homens, crianças, jovens, velhos...”. (PILETTI, 1997: s.n.).

Atentados para uma característica mercadológica, na folha de rosto há uma caixa de texto com os seguintes dizeres, que também constam na capa do livro:

Caro Professor Este livro constitui-se de: livro de texto, atlas histórico, atividades com mapas, suplemento de textos, manual do professor. O livro do aluno contém todos esses complementos (com exceção do Manual do Professor) e também é espiralado. (PILETTI, 1997: s.n.)

A dualidade do livro é revelada aí, já que há uma apresentação para os alunos e o chamado “caderno do professor” ao final, levando-nos a crer em uma construção



conjunta do saber. Como *marketing* o livro usa dos novos métodos e novas mídias para chamar atenção e instigar a curiosidade de alunos e professores. Nota-se claramente a mudança de perspectivas, fontes, e narração, com relação à edição de 1996. Fica evidente a atualização do livro, tratando de histórias recentemente reveladas, fator característico do crescimento do mercado editorial, acirrando a concorrência e as disputas por demanda.

São disponibilizadas, na obra de Nelson Piletti e Claudino Piletti, sete páginas para o assunto, havendo um total de dez imagens: cinco com representações de massas – Manifestações, contra ou a favor do regime, condecorações públicas e expressões do exército; duas pinturas; duas imagens de líderes políticos – apresentação – Hitler; uma imagem de caráter radical, chocante e propagandista; duas pinturas. Há também seis caixas com textos e algumas imagens que falam sobre “curiosidades”. E um *box* (O que é?): Explicação objetiva do conceito de totalitarismo.

Outra característica recente na análise deste livro é o aumento da quantidade de conteúdos, o que no anterior não passa de cinco temas, neste são trinta e um divididos ainda em sub-capítulos. Nosso foco de pesquisa se encontra no Capítulo vinte e dois (22) denominado “Nuvens negras sobre a Europa: fascismo e nazismo”. O curioso deste título é o termo “nuvens negras” usado ao logo da História para caracterizar ameaças, que levaram a guerras que abalaram profundamente as estruturas de uma sociedade endossado pela capa com o busto de Lênin sendo retirado de sua estrutura por operários em uma obra na cidade, deixa clara a ideologia dominante, ligada à era da modernidade, onde é possível um novo posicionamento que construa uma nova democracia social através do Ensino.

A construção do conteúdo

O texto não é tão rico, usando muitas palavras simplificadas, subestimando alunos e professores. As imagens, embora mais atrativas e instigantes não leva os alunos a uma análise profunda, elas reforçam partes do texto, ou apenas chocam por sua crueldade. As informações em caixas de textos são curiosidades, que falam da personalidade dos líderes políticos, o quadro de Picasso foi usado para também ilustrar uma História da cidade de Guernica. O espaço do livro que poderia ser voltado para

uma maior quantidade de informações é utilizado para sanar a curiosidade, como se estas fossem colocadas ao longo das páginas para “tapar buracos”. Sobre a ideologia expressa pelo autor, ele transfere o caráter violento e ditatorial do período para particulares específicas da personalidade de cada líder, os classificando como “mau caráter e violentos”.

Atividades e Textos Complementares

Como claramente percebe-se a didática do livro, sugere novos métodos de análises, avaliações e interpretações. Relacionando a formação acadêmica dos autores com a competência mercadológica da editora, a didática do livro peca apenas pelos vazios no conteúdo, que poderiam ser mais minuciosos e explicativos, podendo ser corrigidas pelo trabalho do professor, com a utilização de materiais paradidáticos. A bibliografia não fica ao final do capítulo como na análise anterior, ela se encontra no final do livro, em conjunto com todas as outras, o espaço é de apenas uma página, contando com setenta e três obras, sendo onze, destinadas a este conteúdo. Nossa quantificação se torna difícil, já que os textos não têm citação e não fazem referência a nenhum livro paradidático ou acadêmico.

2.3. “História Total: Época moderna e contemporânea”.

No ano 1998 a coleção História Total, do autor José Jobson de Andrade Arruda, em seu quarto volume voltado para o Ensino Médio “Época moderna e contemporânea”, da Editora Ática, apresenta o livro ao aluno através de um texto orientador informando como o livro é dividido e como ele será utilizado ao longo do ano escolar. Diferente de outras edições da Ática, nesta apresentação (primeira página do livro sem numeração) o autor mostra ao aluno como as questões devem ser respondidas e como as pesquisas devem ser realizadas: “Cada capítulo é complementado por Questões Propostas. Ao respondê-las procure elaborar um texto próprio, pois assim você irá desenvolvendo sua capacidade de análise e síntese além de aperfeiçoar suas habilidades de redação”. (ARRUDA, 1998: s.n.). Indica-se por fim as sessões encontradas no fim do livro: Jornal da História, Glossário, Síntese Histórica, Bibliografia Geral e Bibliografia para consultas e complementação, Sugestão de livros para leitura e consultas adicionais.



Nove páginas são dedicadas a este conteúdo, totalizando doze imagens: nove com representações de massas – Manifestações, contra ou a favor do regime, condecorações públicas e expressões do exército; uma imagem dos líderes políticos – apresentação; duas imagens de caráter radical, chocante e propagandista. Nota-se a mudança de perspectivas, fontes, e narração do livro, com relação aos livros já analisados. Há um aperfeiçoamento quase que instantâneo do livro aprovado em 1997, mantendo neste agora analisado, diagramações e imagens mais concisas. Os conteúdos se tornam mais específicos a partir de 1997, bem diferente da obra analisada de 1996, e ainda mais resumida que a de 1997. Por fim, vale destacar que com o aumento de conteúdos a serem ministrados, o espaço para debate de temas maiores, como o Totalitarismo, ficou restrito, levando a uma enorme fragmentação dos períodos.

A construção do conteúdo

Os textos são simplificados, porém mais extensos. Todos os espaços são utilizados, sem perda de conteúdo. As imagens são melhores trabalhadas, mostrando aos alunos um leque de possibilidades e visualizações que levam à formação de ligações cognitivas naturais. A ideologia presente no texto, em muitos casos, inibi informações importantes sobre os regimes, não se fala quase nada do caso de Portugal e Espanha, a Itália é destaque, mas não supera, em número de páginas, o capítulo inteiro destinado ao nazismo. A vertente seguida por Hanna Arendt é a mesma do autor, até em suas características mais polêmicas, como considerar o regime da União Soviética deste período como também totalitário. As imagens em sua maioria, de caráter mobilizador social, demonstram a gigantesca adesão aos regimes e deixam no ar a importância destes eventos para o cenário mundial. A didática do livro não deixa a desejar, e comparado com o de 1997, seu conteúdo foi melhorado, não deixando ideias soltas. Tal explicação pode ir de encontro ao fato de um historiador ter escrito este exemplar, diferente do anterior, onde a especialização dos autores era em ensino e educação.

Atividades e Textos Complementares

A inovação é o surgimento de questões que levem o aluno a criar relações e justificativas próprias. Assim o professor não age mais como um auxiliar, ele orienta os

alunos na construção desta noção cognitiva dentro da sala de aula. No segundo capítulo a mesma categoria abrange um universo de dez questões, em que as mesmas características são encontradas, levando os alunos a trabalharem com a ideia de teses e hipóteses, relacionadas diretamente à função e ofício do historiador. Outra categoria do livro é denominada “Jornal da história”, que no primeiro e segundo capítulos sugerem a leitura de textos complementares disponíveis no final do livro. Como um adicional para a leitura do texto o autor escreve o seguinte aviso: “Os textos apresentados neste suplemento tentam reconstruir alguns fatos da História como se fossem narrados por um repórter. E aí está a grande parte de seu interesse”. (ARRUDA, 1998: 241). O texto referente a estes capítulos são sobre os *bruges* da Europa. Quanto ao texto, ele se faz como curiosidades, que através de uma orientação pode levar o aluno à pesquisa em casa, porém o caráter curioso do texto termina ao fim de sua leitura, não instigando o aluno a nada.

Percebemos aqui o início das sensibilidades com imagens, ao pedir a criação de uma legenda, uma explicação sobre a importância desta deve ser dada pelo professor em um processo inicial de orientação e atenção à análise de imagens presentes no livro, que já não são mais meramente ilustrativas. O que chama atenção é a existência de uma bibliografia de consulta e sugestões de livros de consultas que geram um universo de mais de sessenta obras instigando os alunos a pesquisas para além dos muros da escola.

3. Resultados Parciais

Fica evidente, que a utilização de novas mídias, nova didática e novos objetos de ensino começam a surgir ainda neste período no livro didático. No primeiro livro só havia citações de historiadores, e algumas imagens que apenas reafirmavam o que foi escrito, sendo a maioria das informações transmitidas por via escrita, permeando um amplo debate sobre o período. No livro de 1997, mais imagens foram colocadas, com o objetivo ainda de ilustrar, mas também de ampliar o horizonte do aluno sobre determinado tema. É a primeira vez que a aproximação com a realidade do aluno é colocada em questão. O texto é drasticamente reduzido, e citações são cortadas, boxes com informações, curiosidades, e de cunho hipotético e aleatório são aplicadas aos textos, assim como definições objetivas de conceitos, como o de totalitarismo. Havendo

também quadros comparativos que facilitam a compreensão dos alunos. Já no último livro encontramos o trabalho iconográfico que leva os alunos, através da imagem, a construir a História; os textos ainda são reduzidos e tendem para um resgate da qualidade e informação, tornando-os mais completos.

Todas estas características estão diretamente ligadas a dois fatores: a avaliação imposta pelo PNLD em 1996 aos livros didáticos, com a criação de catálogos publicados; e direcionamento dos autores. O primeiro ponto é característico das editoras e diagramação do livro, já que os de 1996, não tinham um padrão avaliativo, muito menos o foco se dava às características didáticas, o leitor era apenas o professor, que orientaria os alunos diante da leitura do livro. Já em 1997, com a publicação do primeiro catálogo, e com a readaptação das exigências já proferidas pelo Plano Nacional no ano anterior, o livro muda seu significado, sua diagramação, para torná-lo mais didático, até o leitor proposto muda e o aluno passa a ser o alvo, como se o livro falasse diretamente com ele sem a necessidade de um interlocutor. Visando as mudanças no ano de 1997, mudanças foram feitas no livro de 1998, houve um aumento na qualidade dos textos, mantendo a didática e a utilização de muitas leituras complementares sugerindo a busca pelo conhecimento fora dos muros da escola. Neste livro, aluno e professor são os alvos, insinuando a construção de um saber conjunto, para além da escola e do material disponibilizado. O outro ponto referido é a formação dos autores, fica claro que no livro de 1996, historiadores escreveram e montaram todas as informações dispostas, não se importando muito com a didática, de forma que citações históricas e palavras rebuscadas encontravam-se presentes. No segundo livro, os autores não tinham nenhum tipo de vinculação com a disciplina de História, mas sim especialização na área de Ensino e Educação, o livro claramente perde em seu conteúdo, mas estabelece uma linha didática a ser seguida em publicações posteriores. Já o livro de 1998, nos mostra uma junção harmoniosa destes fatores, já que um historiador escreve as informações e análises do livro, ligada à didática instaurada em 1997.

Em um primeiro momento constatamos que o livro considerado por nossas análises, o menos didático, foi o publicado em 1996, que conteve mais textos, citações bibliográficas, e imagens meramente ilustrativas de grandes eventos populares, apesar

de conter uma filmografia, que estimularia os alunos fora da sala de aula. A didática dos outros dois mudou significativamente.

A maioria das imagens sobre os regimes totalitários faziam referência a manifestações e acontecimentos populares, sempre expressos por muitas pessoas, mostrando uma ampla adesão popular, ou estas imagens apresentavam os indivíduos referidos, como Hitler, Mussolini, dentre outros. Isso mostra que a representação das massas e a reação que se quer causar nestes três livros são as mesmas, inclusive através da referência da expressão cultural no quadro de Picasso, embora a abordagem metodológica dos autores seja diferente.

Os autores, muitas das vezes, não têm participação direta neste campo de escolha e representação, atentamos para o fato de que embora as duas editoras fossem de São Paulo, nos dois últimos livros da editora Ática a equipe editorial é a mesma, assim como as revisoras, percebe-se apenas que a equipe aumentou para o segundo livro e que foi adicionada a categoria de assessoria didática, com a participação de dois professores. Fica clara a aproximação dos dois últimos livros na questão da representação do conteúdo, recorrendo algumas vezes a formas clássicas predominantes no livro de Antonio Paulo Rezende e Maria Thereza Didier.

4. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA FILHO, Orlando José de. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação nova de 1932: Memória e Imagens do manifesto nos livros didáticos de História da Educação*. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006. v. 1. p. 2177- 2187.

_____. *Pedagogia Católica na Estratégia Editorial das Coleções de Theobaldo Miranda Santos*. In: *II Seminário Brasileiro: Livro e História Editorial, 2009, Rio de Janeiro. Anais II LIHED*. Rio de Janeiro: Clone Carioca Serv. de Multimídia Ltda, 2009, p.01-16.

ARENDT, Hanna. *As origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARRUDA, José Jobson. *História Total 4: idade moderna e contemporânea*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BARROS, Roque Spencer Maciel. *O fenômeno totalitário*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

BITTENCOURT, Circe M. F. *Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)*. In: *Revista Educação e Pesquisa*, vol.30, n.3, São Paulo, Set./Dez. 2004.

BRASIL. *Guia de Livros Didáticos – PNLD 2002*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *Circulação do livro didático: entre práticas e prescrições*. 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. *O que é o Livro Didático?*. Revista Tema, São Paulo: s.n, n.27, dez. 1996.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

CERTEAU, Michel. 2002. *A escrita da história*. 2º ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil S. A. 1990.

_____. *O mundo como representação* In: *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 3, 1980.

FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no Livro Didático*. São Paulo: Cortez, 2002.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

JOHNSEN, Egil Borre. *Libros de texto en el calidoscopio*. In: *Estúdio crítico de la literatura y la investigación sobre los textos escolares*. Barcelona: Pomares-Corredor, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Livro didático: um (quase) manual de usuário*. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, jan/mar. 1991.

LE GOFF, Jacques, NORA. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LOSURDO, Domenico. *Para uma crítica da categoria de totalitarismo*. In: *Crítica marxista*. São Paulo: Revan, 2003, nº 17.

MIRANDA, Sonia Regina/ Luca, Tânia Regina de. *O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD*. IN: Scielo Brasil.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

MUNAKATA, Kazumi. *O livro Didático e o Professor: Entre a Ortodoxia e a apropriação*. In: MONTEIRO, Ana Maria F. GASPARELLO, Arlette Medeiros. MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007. p. 137-147.

_____. *Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil*. In: FREITAS, Marcos César. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 271-296.

NOSELLA, M. L. C. D. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Moraes, 1981.

PILETTI, Nelson. PILETTI, Claudino. *História e vida: da idade moderna á atualidade*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

REZENDE, Antonio Paulo. *Rumos da história: nossos tempos. O Brasil e o mundo contemporâneo*. São Paulo: Editora Atual, 1996.

RÜSEN, Jorn. *Sobre a utilidade e a desvantagem da ciência para o livro didático: o exemplo da História*. In: *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SILVA, Wlamir. PALHA, Cássia, MACEDO, André Luan. *Para uma crítica da categoria de totalitarismo nos livros didáticos*. In: *V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, Educação e emancipação humana*. UFSC, Florianópolis: Santa Cat